

A EMBOSCADA DOS PARADIGMAS DETERMINISTAS NAS POLÍTICAS CURRICULARES: a Eugenia ‘americana’ e a transformação dos concursos de ‘*better babies*’ em competições para ‘*fitter families*’ nos anos 20

Steven Selden

University of Maryland
USA

Resumo

Neste artigo, analisa-se o uso de interpretações deterministas na genética enquadradas no discurso da política social, uma realidade que não se prende exclusivamente aos inícios do século XIX. O autor analisa exhaustivamente como o movimento eugénico nos Estados Unidos da América foi profundamente importante na promoção de um quadro social profundamente segregado que se continua a perpetuar nos dias de hoje. Apoiantes do movimento recorreram a metáforas da biologia para moldar políticas sociais no que diz respeito à restrição da imigração, à segregação dos ‘inaptos’ da sociedade e para os programas de controlo da reprodução humana. O autor propõe o derrubar de uma interpretação redutora da genética, no qual a escolarização tem um papel determinante.

Abstract

In this article, the use of deterministic interpretations of genetics within social policy discourse is analyzed, a reality that is not contained to the beginning of the 19th century. The author extensively analyzes how the eugenics movement in the US was profoundly important in the promotion of a highly segregated social arena that persists to these days. Supporters of the movement use biology metaphors to shape social policies restricting immigration, segregating society’s “inapts”, and promoting programs to control human reproduction. The author advocates fighting the genetics’ reductive interpretation in which schooling has a determining role.

INTRODUÇÃO – QUADRO TEÓRICO ‘EXTERNALISTA’ PARA O CURRÍCULO

“Os eugenistas americanos procuraram uma quase exclusiva explicação genética do desenvolvimento humano e negligenciaram as importantes contribuições do ambiente. Eles conseguiram inculcar esta crença numa geração de americanos educados. Hoje em dia, o processo biológico pode parecer ser medido em termos de genes sequenciais, e há o perigo que os genes, mais uma vez, sejam mal interpretados como os únicos determinantes da vida humana.”

CARLSON e MICKLOS (2000)

Durante os últimos anos, tenho tentado construir um quadro teórico no qual possa enquadrar as minhas preocupações dos interrelacionamentos entre o capital, a cultura e o currículo. Reconhecendo que o currículo é sempre um “terreno contestado”, incluí, também, a questão da contestação no quadro teórico. Este pode ser usado como um aparelho para descrever uma série de políticas nacionais nestes três domínios. O seguinte trabalho foca a sua atenção no uso social da ideologia biológica determinista no contexto histórico (figura 1)

Categoria	Nível de informação	“Terreno contestado”	
Capital	Riqueza Económica	Aumento da Igualdade	Decréscimo da Igualdade
Cultura	Fairs	Sociedade Civil	Meritocracia Biológica
Currículo	Currículo da Ciência	Variação	Determinismo

(Figura 1) Uma concepção ‘externalista’ da política curricular :
Não-determinismo, contestação e interação

O DETERMINISMO GENÉTICO NOS *MEDIA* DOS DIAS DE HOJE

Uma consequência interessante dos recentes avanços na genética molecular tem sido o sentido recorrente do determinismo da biologia na consciência pública. Revistas bem

conhecidas questionam se o ciúme está codificado no ADN, os jornais publicam artigos anunciando a descoberta do gene “gay” e os comerciantes de automóveis adiantam que os todos os veículos na sua linha de produção derivam do mesmo ‘gene pool’ de alta qualidade. As explicações deterministas para as suas capacidades individuais também abundam. Por exemplo, na corrida de Skeleton Sledding de 1996 por exemplo, o ‘New York Times’ deu como favorita a filha de Lake Placid, Jim Shea (Gould, 1996 : B25).

Esta corrida requer que um atleta altamente qualificado esteja de frente a um tipo de trenó enorme situado a uns centímetros do gelo tendo que andar num percurso sinuoso atingindo as 80 milhas por hora. A performance de Shea reflectiu certamente as vantagens que teve no acesso ao curso. Mas o ‘Times’ identificou também uma vantagem genética e explicou que “[o seu] avô, Jack, ganhou duas medalhas de ouro, em velocidade no ‘skate’, para os Jogos Olímpicos de Inverno em 1932, e que o seu pai, Jack Jr. esquiou pela equipa nórdica de Innsbruck, Áustria nos Jogos Olímpicos de Inverno dos Estados Unidos em 1964 (Gould, 1996: B25)”. Nos meses que se seguiram a esta história, Shea apareceu regularmente em anúncios televisivos juntamente com o seu pai e avô. Os anúncios apresentavam imagens visuais das três gerações que representavam implicitamente a transmissão da superioridade hereditária. A ciência influencia, claramente, a consciência pública.

Nesta análise das relações entre a ciência e o pensamento social, Rosenberg descreve cuidadosamente os modos como a ciência oferece determinadas visões ao público, uma vez que manuseia assuntos, muitas vezes, distantes dos bancos laboratoriais. Como salienta Rosenberg (1961: 1) “a ciência emprestou aos americano[s]... um vocabulário e um suplemento de imagens ... [que] variavelmente sugeriram, explicaram, justificaram, e até mesmo ajudaram a ditar categorias sociais e valores”. Especificando um pouco mais a tese geral de Rosenber, Scott Gilbert demonstra que “na sociedade contemporânea, tem sido pedido à biologia que responda a questões que já anteriormente tinham sido colocadas à religião ou às tradições culturais”.

“Tem-se pedido aos biólogos que certifiquem se certas pessoas podem ser educadas, se uma dada pessoa é culpada num crime ou se é tida num caso de paternidade, e se a agressão ou o ‘flirt’ são comportamentos humanos normais. Ininterruptamente, pede-se à biologia e à genética que definam quem somo (Gilbert, 2002: 121)

Alargando esta discussão das tradições biológicas complementares, Walter Gilbert (1992) demonstra que cada um tem os seus próprios focos de interesse. Segundo o autor (1992: 84), os desenvolvimentalistas questionam “como é que um ser humano se desenvolve a partir de um óvulo?”, os [cientistas] associados à genética molecular investigam os “modos específicos nos quais somos diferentes dos outros animais” e os geneticistas estudam “a variação da humanidade através das espécies”. Ao distinguir estes programas de investigação Gilbert (1992: 84) observa que, enquanto, “estes modos de perspectivar os humanos está correcto e

não completamente antitético”, é o biólogo molecular que vê o organismo como “definido pelo seu ADN”. Considerando estas tradições podemos debater se todas elas servem como fonte de reflexão pública dos assuntos sociais. Ou, como os cientistas sociais, frequentemente questionam: será que algumas destas perspectivas foram ‘privilegiadas’? Será possível que a compreensível fascinação pelos avanços da genética molecular tenha levado a imagens deterministas que são tão prevalentes nos média de hoje em dia? Este trabalho sugere que é de facto o caso. Não é uma acusação contra a biologia, é antes o reconhecimento que o conhecimento de um domínio pode ter e tem impacto nos outros. Se está aqui se encontra implicada uma obrigação, é a que os geneticistas podem querer rever criticamente os modos nos quais a sua investigação é transformada quando se move na esfera do discurso público.

O DETERMINISMO GENÉTICO NA EUGENIA DO PRINCÍPIO DO SÉCULO XX

O uso de interpretações deterministas na genética para enquadrar o discurso da política social não se prende exclusivamente aos inícios do século XIX. A corrente americana do movimento eugénico no início do século XX popularizou também visões deterministas (Allen, 1986, 2000; Gallagher, 2000; Gould, 1981; Kevles, 1985; Paul, 1995; Selden, 1999 e 2002). Muito como hoje em dia também aquela época traduziu uma revolução na genética. Sob a promessa da eugenia como ‘auto-direcção da evolução humana’, apoiantes do movimento recorreram a metáforas da biologia para moldar políticas sociais no que diz respeito à restrição da imigração, à segregação dos ‘inaptos’ da sociedade e para os programas de controlo da reprodução humana.

Utilizando imagens tais como a “árvore eugénica”, populistas tais como Wiggam percorreram os Estados Unidos com apresentações alertando para uma “crescente onda de debilidade mental”. No seu ‘best-seller’, Wiggam (1992) recomendou a adopção de um “novo decálogo da ciência”. Escrito na forma de testemunho perante um funcionário público imaginário, argumentou que os princípios eugénicos deviam ser a base para as futuras decisões sociais e políticas. Misturando a religião com a biologia Wiggam (1992) descreveu um modelo de comportamento começando com a entrega dos Dez Mandamentos e acabando com as descobertas científicas dos seus dias.

“O que penso que vai surpreender Vossa Excelência”, escreveu, “é que Deus continua a fazer a mesma coisas [mas] em vez de usar tábuas de pedra... para revelar a Sua vontade, Ele deu ao homem o microscópio, o espectroscópio, o telescópio, o tubo de ensaio e a curva estatística para permitir que o homem faça as suas próprias revelações” (Wiggam 1992: 17-18).

Contudo, o futuro do aperfeiçoamento humano estava em risco. “As raças mais avançadas estão a retroceder” Wiggam alertou (1992: 25-26) e “as raças civilizadas estão biologicamente

a afundar-se”. Citando uma longa descrição de presumíveis características hereditárias, Wiggam desesperou [ao ver que] os imbecis, os fracos, os miseráveis e os vagabundos aumentavam em número enquanto que os líderes e os génios diminuam. Wiggam (1992) inferiu as suas conclusões de um trabalho de dois líderes do campo de testes mentais, Thorndike e Yerkes. Thorndike popularizou a eugenia entre os estudantes universitários de psicologia educativa e Brigham e Yerkes utilizaram as interpretações raciais dos dados dos testes ‘Alpha’ e ‘Beta’ do Exército para dar um brilhantismo injustificado da eugenia aos olhos do público (Brigham, 1923, Gould, 1981; Haller, 1963; Kevles, 1985).

Os eugenistas argumentaram que os problemas sociais do analfabetismo, crime, e desigualdade eram mais do foro genético do que social (Allen, 2001). Enquanto que os progressistas liberais se batem por aumentos nos programas de segurança social, os eugenistas conservadores muitas vezes têm uma opinião diferente. Por exemplo, investigadores que seguiam a linha de Thorndike preveniam que as políticas sociais estavam a ignorar os presumíveis imperativos da biologia. Adiantavam que determinados esforços filantrópicos, que originariamente significam o amor do homem degeneraram no amor do homem estúpido e cruel. Como consequência, viam a sociedade a desperdiçar os seus recursos em institutos caros e até mesmo paliativos para a preservação e protecção dos débeis mentais, dos delinquentes, dos aleijados, dos loucos e de outros que biologicamente variam relativamente à incompetência social.

A EUGENIA NA CULTURA POPULAR DOS ANOS 20

A cultura popular dos anos 20 encontrava-se repleta de mensagens eugénicas. Num dado sábado à noite, por exemplo, um adolescente típico podia ir ao cinema ver o ‘Black Stork’ ou ‘Tomorrow’s Children’, filmes que podiam ser conotados como próximos das esterilizações eugénicas (Pernick, 1996). Ao domingo, o adolescente podia ajudar nos serviços da igreja onde um sermão eugenicamente orientado recomendaria o aperfeiçoamento do homem através do casamento dos ‘melhores’ com os ‘melhores’. Os jornais de Segunda-Feira podiam alertar os jovens leitores para a necessidade de restringir a imigração. Na Terça-Feira, a mesma imprensa podia relatar que milhares de americanos estavam a ser esterilizados com propósitos eugénicos. Sentados nas aulas de Biologia numa Quarta-feira, estes mesmos alunos podiam abrir os seus livros num capítulo da eugenia. Finalmente, na Quinta e Sexta-Feira enquanto visitavam uma exposição estatal com a turma de higiene, podiam participar num concurso de ‘Fitter Families’ esperando ganhar uma medalha com a inscrição Bíblica extraída dos Salmos (16,6) ‘Sim, eu tenho uma Bela Herança’.

Como estes exemplos sugerem, a eugenia organizada tentou trazer alguma mudança não só à cultura popular, mas também à própria política pública. Como Lombardo (1996, 2002) cuidadosamente pormenoriza, a legislação da imigração e da esterilização aprovada nos anos 20 representa a evidência do sucesso da eugenia organizadas nestas duas áreas. É para os concursos de ‘Fitter Families’ citados anteriormente e para os seus precursores que atentaremos em seguida.

OS ANTECEDENTES DOS CONCURSOS DE ‘FITTER FAMILIES’: OS CONCURSOS DE ‘BETTER BABIES’ NO LOUISIANA

No final do século XIX e início do século XX, as altas taxas de mortalidade infantil nos Estados Unidos – devido ao pobre ambiente e ao leite adulterado – levou um grande número de mulheres progressistas a lançarem um desafio de ‘baby saving’ (Dorey, 1999; Meckel, 1990; Richerdson, 1914). DeGarmo seria a primeira mulher a combinar a ideia de ‘standards’ de saúde e inteligência com os concursos nas exposições, na forma de concursos de melhores bebês. Ex-professora e organizadora, DeGarmo desenvolveu o primeiro Concurso ‘Scientific Baby’, na exibição estadual de Louisiana, em Shreveport em 1908 (Shreveport Caucasian, n.d.; Richardson, 1913: 5). Fazendo a ligação entre estas competições e o movimento da eficiência social, DeGarmo colocou-os num contexto de políticas para lares ‘standard’, estradas ‘standard’ e escolas estandardizadas. Para os alunos na era progressista esta preocupação pelo controlo social é importante; o bebé modelo, vivendo na casa modelo, viajaria na estrada modelo a caminho da escola modelo.

Com o auxílio de Bodenheimer, um pediatra local, DeGarmo desenvolveu uma forma de avaliação concebida para dar rigor científico aos ‘baby shows’ que julgava não terem mérito. Bodenheimer e DeGarmo combinaram ‘standards’ comparativos para o desenvolvimento físico através das análises antropométricas de Sargent, Griffith e Holt-Roth, no desenvolvimento do seu marcador. (Bodenheimer, 1908; DeGarmo, n.d.). Utilizando modificações nas tabelas da altura, peso e circunferência do peito pela idade, as medidas dos indivíduos em concurso eram cuidadosamente tabeladas (Better Babies Bureau, 1913, 1914). Os vencedores eram presenteados com taças para premiar o seu feito.

A acuidade mental era também avaliada. Nestes casos, as medições eram baseadas nos trabalhos dos pioneiros na medição mental, Binet e Simon, bem como no ‘input’ do líder do movimento de estudo da criança, Hall (1913). Como prova do desenvolvimento mental e social, eram oferecidos aos concorrentes bonecos e colocavam-se-lhes questões relativamente aos modos como se poderiam brincar com os bonecos e como eles poderiam interagir.

Nos inícios da primeira década do século XX, a ‘Woman’s Home Companion’ (1913: 1) tinha começado a patrocinar estes concursos. Eram dados certificados aos vencedores declarando que eles tinham “uma mente sã num corpo sã”. Obviamente que não há nada de errado em advogar mentes sãs em corpos sãos; médicos e educadores continuam a fazê-lo até aos dias de hoje. Todavia, há questões que necessitam de uma análise mais atenta. Pode-se questionar se tais mentes e corpos são dados ou desenvolvidos e qual o papel que a economia e o ambiente desempenham nesse processo. No entanto, no início do século XX, a manutenção destes ‘standards’ de saúde foram transferidos da responsabilidade social para a individual (Meckel, 2000).

TRANSFORMAÇÃO EUGÉNICA: DOS ‘BETTER BABBIES’ ÀS ‘FITTER FAMILIES’

Pese embora os concursos para ‘Better Babies’ continuassem ao longo dos anos 20, o facto é que viriam a ser transformados na Exposição Estatal do Kansas em 1920 quando foram associados ao movimento eugénico. Organizados por Watts e Sherbon, estas competições ‘«Fitter Families» for Future Firesides’ eram inicialmente patrocinados pela Cruz Vermelha (Annals of Kansas, 1925: 284; Capper, 1923; Evans, 1931: 25; Sherbon, 1928; West, 1928) e o Kansas tinha um orgulho especial nelas (Johnson, 1925: 460). Quer como Governador do Kansas, quer como Senador dos EUA, Capper apresentou taças e ‘Medalhas Capper’ de bronze às famílias vencedoras e aos indivíduos com classificação ‘A’ nas exposições dos anos 20 (Capper, 1913; Johnson, 1925: 460; Topeka Capital, Agosto 14, 1927). Como explicou à imprensa “é tão importante para o estado do Kansas criar bons homens como bom gado e porcos” (Topeka Capital, March 5, 1927).

Watts e Sherbon tinham conjuntamente supervisionado os concursos de ‘Better Babies’ no Iowa no ano de 1911, e viriam a juntar-se a Wiggan na ‘American Eugenics Society’s Committee on Popular Education’ (Eugenical News, 1922). De 1924 a 1926 com fundos das Rockfeller e Eastman, a AES assumiria o patrocínio dos concursos, que mais tarde seria transferido para ‘A Race Betterment Foundation’ sob a direcção de West em 1928 (Kansas Bureau of Child Research, 1924; Rydell, 1993: 48).

Questionada sobre o paralelismo entre a reprodução humana e a animal, Watts foi bem rápido na resposta. Pressagiando os comentários de Capper relativamente aos animais domésticos e às pessoas Watts observa que “quando alguém pergunta o que são [os concursos ‘Fitter Families’] nós respondemos que

“enquanto os juizes do gado estão a testar Holsteins, Jerseys e Whitefaces no pavilhão, nós estamos a julgar os Joneses, os Smiths, os Johnsons... e quase todas as pessoas [que ouvem isto] respondem: “Acho que já era tempo de as pessoas terem um pouco da atenção que é dada aos animais” (Rydell, 1993: 49-50).

AS AVALIAÇÕES EUGÉNICAS

Servindo de espaço para construir a opinião pública, os concursos recomendaram que as decisões relativas ao casamento e à procriação fossem informadas pelas interpretações eugénicas dos dados históricos da família. A fórmula da História Nervosa e Mental desenvolvida para uso da exibição do Kansas e julgada por Watts e Sherbon (1924: 11) como a mais precisa para evidenciar os escondidos e insidiosos traços hereditários incluía extensas listas de tais qualidades. A lista de capacidades sociais favoráveis incluía ser-se “generoso, auto-sacrificado, ter fortes laços familiares e ser um pai bem sucedido.” A lista de capacidades

sociais negativas ou “estigmas temperamentais” como eram chamadas, incluía o ser-se “egoísta, ciumento, suspeito, temperamental e cruel” (Family History: Nervous and Mental History Form, n.d.).

O catálogo de presumíveis traços físicos hereditários era igualmente extenso. Incluía ‘a apoplexia, a paralisia, a epilepsia, a insanidade, a debilidade mental, a inclinação para se ser um alcoólico hereditário e um cérebro fraco’. A questão aqui não é a rejeição de um determinado ‘pedigree’ para a identificação de padrões da hereditariedade humana. Tais técnicas são utilizadas produtivamente e muitas daquelas fórmulas referidas anteriormente requerem informação semelhante à que é procurada actualmente pelos médicos de família e pelos conselheiros genéticos. A questão é que para muitos dos traços para os quais se procuravam modelos, as bases hereditárias estavam abertas à interpretação. Este assunto continua a ser debatido no que diz respeito às concepções da psicologia evolucionista – se o ciúme, por exemplo, é uma construção social ou a expressão da selecção ‘Darwinista’ (Goode, 2002: D1), ou se o comportamento comercial identificado na teoria económica é geneticamente determinado (Wheeler, 1996)

QI E A RAÇA

Imediatamente após a I Guerra Mundial, o recente grupo de teste de QI ganhou uma considerável atenção por parte do público. Argumentando que mediam um substrato hereditário imutável, os testes de inteligência tornaram-se importantes instrumentos para a selecção de futuros pais. As relações entre a ‘American Psychometrics’ e a ‘American Eugenics’ são evidentes nos testes de QI que foram administrados aos concorrentes do ‘Fitter Families’ em 1924. Provavelmente, a versão do exame ‘Army Alpha’ pedia, inicialmente, a raça do candidato com, pelos menos, um candidato a responder ‘nórdica’. Enquanto que tais distinções raciais tinham pouco valor na previsão de complexos comportamentos humanos como a inteligência, na iconografia da corrente eugénica, seja a alemã ou a americana, podia-se sempre encontrar ‘nórdicos’ no topo da tipologia racial (Carlson, 2001; Haller, 1963). Foi em 1924 que o ‘John-Reed Immigration Act’, de motivações raciais, foi aprovado no Congresso dos EUA. O seu estigma maligno viria a revelar-se apenas uma década mais tarde quando milhões foram encurralados na Europa devido à crescente violência das políticas Nacional-Socialistas na Alemanha.

Nos anos 20, uma série de interpretações racistas de Goddard (1912) popularizou a crença que os indivíduos com um baixo QI ameaçavam a nação (Grant, 1921; Stoddard, 1920). Apesar de Goddard (1912) rejeitar que o seu trabalho fosse considerado racista como documenta Zenderland (1998: 327), os testes continuaram a ser administrados nas exposições.

OS CONCORRENTES

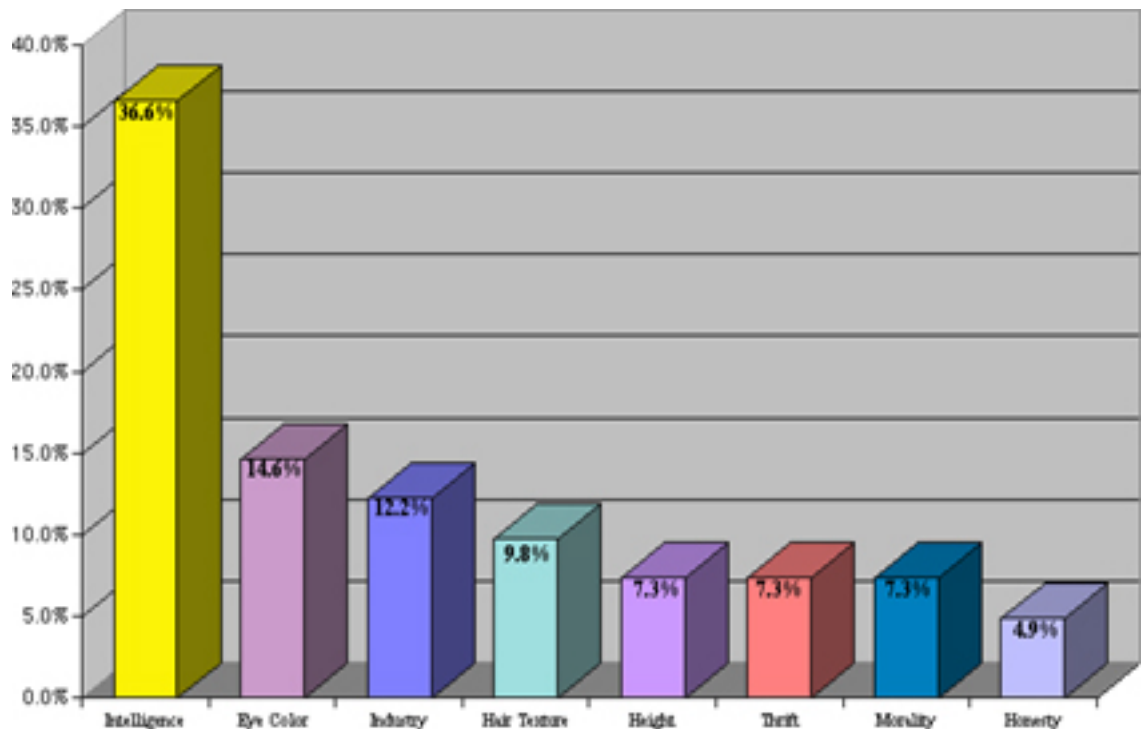
Argumentando a necessidade de manter as qualidades raciais da nação através de cuidadas avaliações eugénicas, os concursos continuaram e os prémios foram atribuídos. A Geórgia foi o segundo estado a organizar os concursos de ‘Fitter Families’, suscitando ironia, em meados dos anos 20, ao notar que “a Geórgia e o Kansas estão interessados na mesma coisa, os restantes 46 estados farão bem em procurar o que se trata!” (Johnson, 1925: 460).

A CENTÉSIMA CINQUAGÉSIMA EXIBIÇÃO DE FILADÉLFIA – 1926

Com grande pompa e circunstância, os visitantes da exibição dos 150 anos em Filadélfia foram alertados que alguns americanos tinham nascido para serem um fardo para outros. A exibição dividiu o tempo em 16 segundos, 15 segundos e 7 ½ segmentos de minutos. A cada 16 segundos que os observadores eram instruídos, uma pessoa nascia nos EUA. E todos os 15 segundos, uma pessoa com uma má hereditariedade custava à sociedade \$100.000. A exibição alertou para o facto de que os menos fecundos estavam mais em risco, uma vez que em apenas cada 7 ½ minutos nascia uma pessoa com uma boa hereditariedade e apta para liderar. Provavelmente, o “fardo” dos inadequados cairia nos seus ombros. Podemos assumir que os milhares de visitantes que pediram informação adicional acerca da eugenia em Filadélfia iriam provavelmente apoiar a decisão do Supremo Tribunal de legalizar a esterilização de ‘Carries Buck’ um ano mais tarde (Lombardo, 2001).

ANÁLISE DOS MANUAIS DE BIOLOGIA

Aumentando a sua presença nas feiras e exposições, o conteúdo eugénico podia também ser encontrado nos manuais de biologia das escolas secundárias publicados entre 1914 e 1948. Uma análise destes manuais revelou que um amplo leque de comportamentos humanos eram apresentados como tendo uma base hereditária (Selden, 1990). Não é de pouca importância que a inteligência era a característica mais frequentemente citada. Durante este período, nem todas as crianças americanas iam à escola secundária e nem todas tinham aulas de biologia. E aquelas que tinham viam-se, provavelmente, como inteligentes. Aprender que tal inteligência era hereditária devia, certamente, ter sido encarado como uma validação da sua posição. A lista de qualidades que se pensavam ser hereditárias era de facto impressionante. Para além das características com uma base genética legítima, tal como a cor dos olhos, a textura dos cabelos e a altura, os manuais também adicionavam características despojadas de fundamentação genética.



**Figura 2. Qualidades Hereditárias.
Manuais de Biologia do Ensino Secundário**

Os manuais recomendavam também determinadas políticas sociais espelhando os interesses dos eugenistas americanos. Estavam incluídos os índices de natalidade diferenciais para os indivíduos tidos como ‘superiores’ e ‘inferiores’, a restrição da imigração para os oriundos da Europa do sul e do leste e os programas de esterilização humana.

AS METÁFORAS BIOLÓGICAS E AS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS

Muito embora o movimento eugénico iria alcançar significantes sucessos legislativos durante os anos 20, o facto é que em meados da década, uma articulada crítica ao movimento, baseada em parte nos avanços da genética cromossomática, tornou claro que a eugenia não era mais tida como uma ciência legítima (Cravens, 1978; Kevles, 1985; Selden, 1999). Contudo, podem-se encontrar paralelos entre a discussão histórica da eugenia, os concursos de ‘Fitter Families’ e a biologia actual. As relações são entre o determinismo da corrente eugénica do início do século XX e as interpretações deterministas da eugenia apresentadas, actualmente, em muitos dos ‘media’. Dois debates políticos contemporâneos muitas vezes entendidos

através de uma interpretação redutora da genética podem servir como exemplo. O desafio não é à genética, mas antes às reduzidas formas nas quais ela pode ser entendida.

O primeiro debate prende-se com a definição do começo da vida e ao direito da mulher à privacidade e à escolha. Como Gilbert (2002) aponta, alguns apoiantes da interpretação do direito do feto à vida aproximam-se da genética molecular para construir o seu caso. Eles argumentam que a vida começa no momento da fertilização. Defendem que a vida começa quando os genes dos pais se combinam. E que a vida exige a protecção governamental. É um argumento poderoso, aparentemente apoiado pela ciência.

Todavia, existem explicações alternativas que sustentam os argumentos da escolha pela parte da mãe. O primeiro relaciona-se com a “a visão metabólica [argumentando] que não existe um momento preciso do início da vida. O esperma e o óvulo estão tão vivos como qualquer outra célula ou organismo... [e a] resposta é que [a vida] nunca terminou” (Gilbert, 2002: 122). Para aqueles que consideram este argumento não convincente, Gilbert aponta para a evidência fisiológica que apoia a actual definição legal da vida como começando cerca das 25 semanas de gestação com a intervenção técnica.

Neste últimos exemplos, pode-se ver o desenvolvimento da vida como uma interacção complexa entre os genes e o ambiente. A questão aqui não é de determinar qual é a explicação que está ‘correcta’. É antes para sugerir que o discurso do início da vida e a investigação em embriões está a ser seriamente limitada devido à dependência numa única tradição biológica (Weiss, 2002).

Um segundo debate, encontra-se intimamente relacionado com os fundamentos da orientação sexual. Alguns argumentam que a determinação genética dos ‘gays’ pode ser usada como uma defesa contra os preconceitos. Como Rose (1995: 382) observa “os activistas gays abraçaram a explicação cérebro ‘gene gay’ com bases explícitas que eles não podem continuar a ser moralmente culpados por um estado ‘natural’ e também não podem continuar a ser vistos como seres perigosamente infecciosos com os seus gostos «perversos»”. Esta explicação é muitas vezes alargada para envolver as presumíveis vantagens dos casais heterossexuais em relação ao primeiro ‘Homo Sapiens’ homossexual. Neste exemplo, o ‘gene gay’ na linha familiar providenciava vantagens de sobrevivência às famílias que o possuíam. Tendo um irmão ‘gay’ que caçasse e defendesse a família oferecia ao grupo a vantagem de uma mão extra na caça e na defesa. Com estes genes na família, podia-se depender e valorizar a presença de um membro ‘gay’. Por sua vez, os pais daquele membro ‘gay’ teriam uma maior probabilidade de sobrevivência e poderiam ter mais filhos, filhos esses que seriam portadores de genes gay e heterossexuais. Ser ‘gay’ era uma vantagem ao nível da evolução, era determinado geneticamente, e tem que ser reconhecido, dada a sua importância na actualidade. Deste modo, os professores ‘gay’ não representam nenhuma ameaça para as crianças com quem trabalham. Os alunos não podem ‘contrair’ a tendência sexual do seu professor.

Mas e se a história estiver errada? E se a orientação sexual não for geneticamente determinada? E se a vantagem daquela sobrevivência histórica foi apenas conseguida por aquelas famílias que não tinham filhos? Eles podiam ter sido ‘gays’. Mas talvez fossem estéreis, não tivessem interesse no sexo ou lhes fosse negado o acesso às mulheres através de regras sociais ou religiosas. Seguindo esta linha de pensamento, actualmente os ‘gays’

perderam a sua razão de ser. Se a evidência genética não consegue encontrar justificação para a homossexualidade, os ‘gays’ negligenciam a sua defesa genética contra aqueles que os iriam ostracizar.

Provavelmente uma explicação mais razoável para a homossexualidade seja argumentar um conhecimento mais desenvolvido do que o molecular em torno da construção da sexualidade. Podemos sugerir que a plasticidade humana conduz a um leque mais amplo de expressões sexuais e que uma percentagem da população aprende a manifestar a sua sexualidade de uma forma exclusivamente homossexual. Mas esta expressão não é determinada geneticamente. Deste ponto de vista, basear a orientação sexual exclusivamente num substrato genético em vez de uma variação do desenvolvimento humano poderá não ser a abordagem mais produtiva para aprofundar os direitos humanos. Contudo, tal como no exemplo anterior, uma análise correcta do papel desempenhado pela biologia no complexo comportamento humano dependerá de uma cidadania com um conhecimento de nuances empíricas do desenvolvimento humano.

CONCLUSÃO

Este trabalho descreveu brevemente a trajectória histórica na qual os concursos de ‘Better Babies’, com um discurso em ‘standards’ físicos e intelectuais, foram transformados nos concursos ‘Fitter Families’, com uma orientação eugénica, preocupados com o controlo da procriação humana. Não obstante, a história do movimento eugénico na América ser mais complexa do que a simples história do triunfo das ‘Fitter Families’ sobre os ‘Better Babies’, o facto é que Rosenberg estava correcto na sua análise. A ciência providencia um discurso que ajuda a moldar as atitudes e políticas sociais. A prova que o movimento eugénico apoiava a restrição à imigração, à segregação e à esterilização, é que estes concursos não deveriam ser ignorados. Como as competições legitimavam o presumível papel central da biologia na determinação de todo o comportamento humano, elas eram parte integrante de um conjunto mais amplo de iniciativas. Num certo sentido, elas ‘privatizavam’ os problemas do analfabetismo e da pobreza, desresponsabilizando governo da sua erradicação. Enquadrado negativamente, as ameaças putativas dos estrangeiros e dos débeis mentais foram orientadas para influenciar a política da imigração e esterilização dos anos 20 nos EUA.

O reconhecimento desta história não deverá ser visto como um ataque ‘ingénuo’ aos empreendimentos científicos da actualidade: não o é, de todo. As técnicas e conhecimentos sofisticados da genética actual não estavam disponíveis para os primeiros eugenistas. A genética molecular não é eugénica. E o projecto do genoma humano não é equivalente aos concursos das “Fitter Families”. Reconhecendo isto, muitos podem argumentar que esta história tem pouco a ver com o processo da ciência contemporânea e que por isso tem pouco para nos ensinar. A promessa inicial para moldar a política americana através da procriação era cientificamente infundada. Este trabalho sugere o contrário. Ainda há muito a prender com tudo isto.

Termino com duas questões. (1) a ciência continua a fornecer imagens e um vocabulário que influencia o sentimento público de si próprio. Os primeiros eugenistas pensavam que podiam identificar causas únicas para os comportamentos tão diversos como a vadiagem, o alcoolismo, a pobreza e o devaneio. Hoje em dia, o público continua a utilizar o vocabulário da ciência, numa tentativa para compreender semelhante comportamento complexo que vai desde gostar de andar na montanha-russa e de ter uma fraqueza por doces, até suportar a pena de morte e o aborto (Lichtarowicz, 2001). Como Carlson e Micklos (2000: 153) indicaram “os eugenistas americanos procuraram uma quase exclusiva explicação genética do desenvolvimento humano e negligenciaram as importantes contribuições do ambiente”.

“Eles conseguiram inculcar a crença numa geração de americanos educados. Hoje em dia, o processo biológico pode parecer ser medido em termos de genes sequenciais e há o perigo que os genes, mais uma vez, sejam mal interpretados, ou seja como os únicos determinantes da vida humana” (Carlson e Miklos, 2000: 153).

Tentando resolver os intrincados assuntos sociais do presente, o público e os media muitas vezes extraem o vocabulário da biologia molecular. Tal abordagem acaba por não conseguir explicar os complexos comportamentos humanos. (2) o público precisa de um entendimento mais claro das diferenças entre uma variedade de legítimas tradições biológicas; um entendimento mais claro das possíveis relações entre estas várias abordagens e as políticas sociais. Da maneira mais sucinta possível, a comunidade científica compreende bem as diferenças lógicas entre o trabalho dos biólogos moleculares e a focalização dos seus colegas experimentais, bem como as legítimas implicações dos seus respectivos esforços. Estas são distinções com uma diferença e implicações necessitam de uma explicação cuidadosa. Não existiam genes da vadiagem nos anos 20 e não há, hoje em dia, substratos conhecidos que ordenem o sucesso numa corrida de ‘skeleton sledding’.

De forma a participar num amplo debate democrático relativo às várias possibilidades e limitações das tradições biológicas na explicação do comportamento humano, o público necessita também de avaliar estas distinções. Pode-se argumentar que educar o público nestas diferenças deve ser, em parte, responsabilidade da comunidade científica. Tal como Buchanan (2000: 56-57) e os seus colegas indicaram “a tarefa da humanidade, neste momento, é alcançar o que iludiu completamente os eugenistas, ajustar a busca da saúde e aprimoramento genético com os requisitos da justiça”. Dada a triste história da eugenia e do brilhante futuro da biologia parece ser uma responsabilidade que vale a pena aceitar.

Referências Bibliográficas

Allen, G. (2001). The biological basis of crime: An historical and methodological study. *History of Social and Physical Science*, volume 31, part 2, pp. 183-222.

- Allen, G. (2000). The reception of Mendelism in the United States, 1900-1930. *Life Sciences*, volume 323, pp. 1081-1088.
- Allen, G. (1986). The eugenics record office at Cold Spring Harbor, 1910-1940: An essay on institutional history. *OSIRIS, 2nd Series*, 2, pp. 225-264.
- Annals of Kansas, 1886-1925, Volume 2, 1911-1925*, (1925). "Sept 13, 1920 – The Kansas Free Fair opens at Topeka," p. 284.
- Bodenheimer, J. M. (1908). Score card and measurements used at the State Fair of Louisiana, nineteen hundred and eight: Devised by Dr. J. M. Bodenheimer at the request of Mrs. Frank DeGarmo, originator of the "Scientific Baby Contests" idea for state fairs and agricultural expositions. *Mrs. Frank DeGarmo Papers*, University of Tennessee, Knoxville.
- Better Babies Bureau. (1913). *Better Babies Scorecard*. New York:, *Woman's Home Companion*.
- Better Babies Bureau. (1914). *Better Babies Scorecard*. New York:, *Woman's Home Companion*.
- Brigham, C. C. (1923). *A study of American intelligence*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Buchanan, A., Brock, D.W., Daniels, N, & Wickler, D. (2000). *From chance to choice: Genetics and justice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Capper, A. (August 1923). Registering Human Pedigrees: How Kansas develops fitter families; A remarkable experiment in eugenics. *Popular Science*, p. 54.
- Carlson, E. A. (2001). *The unfit: A history of a bad idea*. Cold Spring Harbor: Cold Spring Harbor Laboratory Press.
- Carlson, E. A., & Micklos, D. (November 2000). Engineering American society: The lesson of eugenics. *Nature Reviews/Genetics*, volume 1, pp. 153-158.
- Cravens, H., (1978). *The triumph of evolution: American scientists and the heredity-environment controversy, 1900-1941*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- DeGarmo, M. (n.d.). The story of the origin and development of the first "baby score card", or a "chart" of standard baby measurements. For a baby contest, or scientific baby show, at Shreveport, Louisiana, Novem. 4th, 1908. *Mrs. Frank DeGarmo Papers*, University of Tennessee, Knoxville.
- Dorey, G. M. (2000). Assuring America's place in the sun: Ivey Forman Lewis and the teaching of eugenics at the University of Virginia, 1915-1953. *The Journal of Southern History*, volume LXVI, No. 2, pp. 257-296.
- Eugenical NeW*. (October 1922). Human stock at the Kansas Free Fair. Volume 7, number 10, p. 111.
- Evans, W. S. (Secretary). (1931, January). *Organized Eugenics*. New Haven: American Eugenics Society.
- Family History: Nervous and Mental History form, (n.d.). *Charles B. Davenport papers, Florence B. Sherbon Fitter Families folder, B: D27 #2*. Philadelphia: American Philosophical Society.
- Gallagher, N. (2000). *Breeding Better Vermonters: The eugenics project in the Green Mountain state*. Hanover: University Press of New England.
- Gilbert, S. F. (2002). Genetic determinism: The battle between scientific data and social image in contemporary developmental biology in, Grunwald, A., Gutmann, M., and Neumann-Held, E. M., (eds.), *On human nature: Anthropological, biological, and philosophical foundations*. New York: Springer-Verlag, pp. 121-140.
- Gilbert, W. (1992). A vision of the grail, in Kevles, D. J., and Hood, L. (eds.), *The code of codes: Scientific and social issues in the human genome project*. Cambridge: Harvard University press, pp. 83-97.

- Goddard, H. H. (1912). *The Kallikak family: A study in the heredity of feeble-mindedness*. New York: The Macmillan Company.
- Goode, E. (October 8, 2002). Jealous? Maybe it's genetic. Maybe not. *New York Times*, p. D1.
- Gould, J. (February 22, 1996). Thrill of sliding goes straight to the bone. *New York Times*, B 25.
- Gould, S. J. (1981). *The mismeasure of man*. New York: W.W. Norton & Company.
- Grant, M. (1921). *The passing of the great race or the racial basis of European history*. New York: Charles Scribners & Sons.
- Hall, G. S. (March 18, 1913). Letter to Mrs Frank DeGarmo from Clark University President G.S. Hall. *Mrs. Frank DeGarmo Papers*, University of Tennessee, Knoxville.
- Haller, M. H. (1963). *Eugenics: Hereditarian attitudes in American thought*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- Johnson, H. W. (1925) Fitter Families for future firesides: The Kansas eugenics contest. *The Journal of Heredity*. Baltimore: The American Genetic Association, volume XVI, number 1, pp. 457-460.
- Kansas Bureau of Child Research. (1924). *Fitter Families for future firesides: A report of the eugenics department of the Kansas free fair*. Eugenics Committee of the United States of America.
- Kevles, D. (1985) *In the name of eugenics: Genetics and the use of human heredity*. New York: Alfred A. Knopf
- Lichtarowicz, A. (June 18, 2001). Many attitudes "in our genes." *BBS News online: SciTech*. <http://news.bbc.co.uk/2/hi/sci/tech/1390375.stm>
- Lombardo, P. A. (2002). "The American breed": Nazi eugenics and the origins of the Pioneer Fund. *Albany Law Review*, Volume 65, Number 3, pp. 743-830.
- Lombardo, P. A. (2001). Carrie Buck's pedigree. *Journal of Laboratory Clinical Medicine*, Volume 138, pp. 278-282.
- Lombardo, P. A. (1996). Medicine, eugenics, and the Supreme Court: From coercive sterilization to reproductive freedom. *Journal of Contemporary Health Law and Policy*, Volume 13, pp. 1-25.
- Paul, D. (1995). *Controlling human heredity: 1865 to the present*. New Jersey: Humanities Press.
- Pernick, M. (1996). *The Black Stork: Eugenics and the death of 'defective' babies in American medicine and motion pictures since 1915*. New York: Oxford University Press.
- Richardson, A. S. (1914). *Better babies and their care*. New York: Frederick A. Stokes Company.
- Richardson, A. S. (July, 1913). "Better babies in the south: How a Louisiana Woman carried the gospel of better babies up the Mississippi." *Woman's Home Companion*, p. 5.
- Rose, S. (1995, February). The rise of neurogenetic determinism. *Nature*, 373, 380-382.
- Rosenberg, C. (1961). *No other gods: On science and American Social Thought*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Rydell, R.W. (1993). *World of fairs: The Century-of-Progress Expositions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Shreveport Caucasian*, (n.d.). "Why the baby contest-clinic?" Mrs. Frank DeGarmo Papers, University of Tennessee, Knoxville, box I, folder 12.
- Sherbon, F. B. (October 1928). Fitter family winners. *Eugenics*, Volume 1, Number 1. New Haven: The American Eugenics Society.

- Selden, S. (2002). Eugenics, in Breslow, L. (ed.), *Encyclopedia of Public Health*, (New York: Macmillan Reference, 2002).
- Selden, S. (1999) *Inheriting Shame: The Story of Eugenics and Racism in America*. New York: Teachers College Press.
- Selden, S. (1990). Selective traditions and the science curriculum: Eugenics and the biology textbook, 1914-1948. *Science Education*, Vol. 75, No. 3, pp. 493-512.
- Stoddard, L. (1920). *The rising tide of color against white supremacy*. New York: Charles Scribner's Sons.
- Topeka Capital*, (August 14, 1927). "More medals go to fitter families: Bronze pins furnished by Senator Capper."
- Topeka Capital*. (March 5, 1927). "How to keep fit."
- Watts, M. T., and Sherbon, and F. B. (1924). *Fitter Families for future firesides: A report of the Eugenics Department of the Kansas Free Fair, 1920-1924*. New Haven: Eugenics Committee of the United States.
- Weiss, R. (October 30, 2002). New status for embryos in research. *Washington Post*, p. A1.
- West, L. S. (1928). *The practical application of eugenic principle. Proceedings of the third race betterment conference*, January 2-6, 1928. Battle Creek: Race Betterment Foundation, pp. 91-117.
- Wheeler, D. L. (July 5, 1996). Scholars suggest that trading behavior has biological basis. *Chronicle of Higher Education*.
- Wiggam, A. E. (1922). *The new decalogue of science*. New York: Bobbs-Merrill Company.
- Woman's Home Companion* (July 1913). "Prizes for better babies," p. 1.
- Zenderland, L. (1998). *Measuring minds: Henry Herbert Goddard and the origins of American intelligence testing*. Cambridge: Cambridge University Press.

Correspondência

Steven Selden, University of Maryland, EUA.
E-mail: ss22@uemail.umd.edu

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização do autor.
Tradução de Suzana Guimarães (Universidade Católica Portuguesa)
e João M. Paraskeva (Universidade do Minho)
